

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Rudolfo Lago/Correio da Manhã



Ato e discurso de Lula passaram diversos recados

Os recados do ato do 8 de janeiro

Nas entrelinhas do ato em memória do 8 de janeiro de 2023, diversos recados puderam ser lidos. Há quem afirme que estavam na Praça dos Três Poderes somente pouco mais de mil pessoas. É possível que o número possa ter sido um pouco maior, mas não muito. Em seu discurso, o próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez uma admissão velada de que

não havia muitas pessoas. Fica claro que a atual capacidade do PT de arregimentar militantes, no novo tempo das redes sociais, não é mais tão grande quanto já foi no passado. E, para alguns, pode ter havido uma falha na articulação do ato, no sentido de mantê-lo mais partidário, mais um ato do governo Lula, do que uma manifestação institucional dos poderes.

Poderes

Uma impressão reforçada pelo fato de não estarem presentes os demais chefes de poderes, para além do próprio Lula, chefe do Executivo. No fundo, os problemas verificados reforçam as falhas do governo na sua comunicação. O ato é, no fundo, estratégia de comunicação.

Marketing

Um observador da área chegou a comentar que o grande problema é que “continuam confundindo marketing eleitoral com comunicação de governo”. Assim, a troca de Paulo Pimenta por Sidônio Palmeira talvez não resolva. Sidônio foi o marqueteiro de Lula em 2022.

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Ato se iniciou com um discurso de Janja

Interferência de Janja será contida?

Ainda no campo da comunicação, chamou a atenção que os atos de quarta no Palácio do Planalto tenham se iniciado com o discurso da esposa de Lula, Janja da Silva. Ela foi a primeira a falar, por volta das 9h30, na solenidade de entrega do relógio do século XVII que foi destruído por um vândalo e do vaso de porcelana

restaurado após se partir em 180 pedaços. Janja não é uma autoridade da República. Não tem cargo no Executivo ou em qualquer outro poder. Ainda que seja legítimo que ela expresse suas posições políticas, sua presença ali abrindo os atos de quarta passou a ideia de que ela continua tendo forte influência na comunicação.

Disputa

Há uma disputa interna na comunicação do governo. Janja conseguiu o controle das redes sociais. No episódio da cirurgia que Lula fez para drenar uma hemorragia intracraniana, toda e qualquer informação precisava passar pelo seu crivo. Sidônio pediu autonomia. Terá?

Recados

Na parte improvisada do discurso, Lula acabou passando um recado importante aos setores mais radicais de esquerda do PT, os que são mais revolucionários e mais avessos à opção de avanço pela solução democrática. Lula deixou claro que não é seu caminho.

Sem operários

“À frene da Revolução Russa ou da Revolução Cubana, não havia nenhum operário”, disse o presidente, referindo-se às vitórias comunistas de 1917 e de 1959. “Só a democracia é tão poderosa para permitir que um torneio mecânico sem diploma se torne presidente”.

Centrão

Na sequência da troca de Pimenta por Sidônio, Lula fará outras mudanças. E o ponto central é como conseguir ampliar seus apoios para o centro. Sendo mais explícito, para o Centrão. E um dos problemas que Lula enfrenta é a resistência a isso no seu próprio partido.

Lula sobre 8 de janeiro: “Ainda estamos aqui”

Presidente se define como “amante da democracia”

Por Rudolfo Lago

Foram diversas as referências feitas ao filme Ainda Estou Aqui, que conta a história de Eunice Paiva, esposa do ex-deputado Rubens Paiva, que foi preso e assassinado em 1971 pela ditadura militar. O filme tem a direção de Walter Salles e Fernanda Torres, que interpreta Eunice, venceu na segunda-feira (6) o Globo de Ouro como melhor atriz dramática. A comoção em torno do filme, que conta a história de uma família de classe média alta no Rio de Janeiro destruída pela truculência da ditadura, foi aproveitada como ganho do ato em memória dos dois anos do 8 de janeiro de 2023, como forma de alertar para os perigos de governos autoritários e os riscos de uma ruptura democrática.

“Hoje é dia de dizermos em alto e bom som: ainda estamos aqui”, discursou Lula. Ao final, Lula assinou um decreto que cria o Prêmio Eunice Paiva de Defesa da Democracia. O prêmio será entregue, uma vez por ano, pelo Observatório da Democracia da Advocacia-Geral da União (AGU) a pessoas “que tenham colaborado de maneira notável para a preservação, restauração ou consolidação da democracia no Brasil”. A plateia ainda fez palavras de ordem em memória de Rubens Paiva, usando o já clássico “Rubens Paiva, presente”.

Amante

Numa parte improvisada, antes do discurso lido, Lula se declarou um “amante da democracia”. Um trecho que mereceu claro olhar de reprovação de sua esposa pelo viés machista, que balançou a cabeça negativamente. Ao se declarar “amante da democracia”,



Lula com os netos de Rubens Paiva no ato de 8 de janeiro

Lula emendou que “na maioria das vezes os amantes são mais apaixonados pelas amantes do que pelas mulheres”.

A ausência dos demais chefes dos poderes, que enviaram representantes, e a presença clara de muitos militantes do PT, com símbolos e camisetas do partido, deu ao ato um caráter partidário e de governo que não era a intenção inicial. A solenidade tornou-se menos institucional do que a que aconteceu no mesmo dia no ano passado – na ocasião, só não estava presente o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que novamente faltou nesta quarta-feira (7).

A Câmara dos Deputados foi representada pela 2ª secretária da Mesa, deputada Maria do Rosário (PT-RS). O Senado por seu vice-presidente, Veneziano Vital do Rego (MDB-PB). O Supremo Tribunal Federal (STF) também por seu vice-presidente, Edson Fachin. Estava presente a presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Cármen Lúcia. Como, porém, ela não é chefe de poder, não discursou na solenidade. O ministro da Justiça, Ricardo Lewan-

dowski, só compareceu porque Lula pediu que ele cancelasse uma viagem de férias que faria a partir de terça-feira (7) para Paris.

Restauração

Os atos tomaram toda a manhã no Palácio do Planalto. Por volta das 9h30, se iniciaram em solenidade mais fechada na qual foram devolvidos ao acervo dois objetos de valor inestimável que foram destruídos pelos manifestantes há dois anos.

O primeiro deles, um relógio criado no século XVII pelo artista e relojoeiro suíço Balthazar Martinot. O relógio foi um presente da França ao então rei de Portugal Dom João VI. Quando ele, ainda príncipe regente, embarcou com a família real para o Brasil em 1808, trouxe consigo a peça. O relógio foi feito em casco de tartaruga e com um tipo de bronze que não é mais produzido. A única peça igual que há no mundo está no Palácio de Versalhes, na França. No dia 8 de janeiro de 2023, o relógio foi destruído por Antônio Claudio Alves Ferreira. Foi enviado à Suíça para ser restaurado. Ao en-

tregar a peça restaurada, o embaixador suíço declarou: “Vivemos tempos estranhos”.

Chamou a atenção o fato de a solenidade ser aberta por um discurso da esposa de Lula, Janja. “Estamos aqui para celebrar a democracia”, disse ela. “O Palácio do Planalto foi vítima do ódio que continua estimulando a divisão do país”.

Na mesma solenidade, foi devolvido ao acervo um vaso italiano de cerâmica que havia se partido em 180 pedaços. O vaso foi atirado do terceiro andar do Palácio do Planalto e espatifou-se no chão. Em seguida, nova solenidade colocou de volta no acervo o quadro As Mulatas, de Di Cavalcanti. A pintura foi esfaqueada por manifestantes e sofreu diversos rasgos. As duas restaurações foram feitas por uma equipe da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel).

Estiveram presentes na solenidade dois netos de Rubens Paiva, João Francisco Rubens Paiva e Juca Paiva. E a filha de Di Cavalcanti, Elizabeth Di Cavalcanti.

Governo comemorou presença de comandantes militares

Por Rudolfo Lago

Na avaliação do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a ausência dos chefes dos demais poderes da República ao ato em memória dos dois anos do 8 de janeiro de 2023 foi compensada em parte pela presença dos três comandantes das Forças Armadas. Estiveram no ato o general Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva, comandante do Exército; o almirante Marcos Sampaio Olsen, comandante da Marinha, e o brigadeiro Marcelo Kanitz Damasceno, comandante da Aeronáutica. Também presente o comandante do Estado-Maior das Forças Armadas, almirante Renato Rodrigues de Aguiar Freire.

A presença dos três comandantes reforça a ideia de que as Forças Armadas buscam o maior distanciamento possível das investigações dos atos antidemocráticos que, a essa altura, já atingem diversos militares, tanto da ativa quanto da reserva. O general de quatro estrelas Walter Braga Netto, que foi candidato a vice-presidente na chapa derrotada do ex-presidente Jair Bolsonaro em 2022, é o primeiro oficial de alta patente do Exército preso no país por determinação da Justiça comum.

Na semana passada, a Justiça Militar determinou que não irá julgar os processos dos militares



Os presentes abraçaram a palavra “democracia”

envolvidos, remetendo tudo ao Supremo Tribunal Federal.

Exatamente no momento em que a plateia gritava a palavra de ordem “Sem anistia”, referindo-se à punição dos envolvidos nos atos antidemocráticos, Lula agradeceu a presença dos comandantes militares na solenidade.

Punição

Os militares não se manifestaram. Mas a necessidade de punição dos envolvidos foi reforçada por todos os que discursaram no ato. “Seremos implacáveis contra tentativa de golpe”, disse Lula. “Nunca mais aceitaremos ditaduras”, discursou a deputada Maria do Ro-

sário (PT-RJ), que representou a Câmara. “Jamais deixaremos de ser vigilantes na defesa da democracia”, afirmou o vice-presidente do Senado, Veneziano Vital do Rego (MDB-PB). “A maturidade institucional exige a responsabilização por desvios dessa natureza”, disse o vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, lendo texto do presidente do Supremo, Luís Roberto Barroso.

Xandão

Responsável pelos inquéritos dos atos antidemocráticos, o ministro do STF Alexandre de Moraes foi ovacionado pela plateia em dimensão até maior que os aplausos a

Lula. O que fez com que o presidente brincasse com a sua popularidade. “Nunca tinha conhecido ministro de Suprema Corte com apelido dado pelo povo”, disse Lula. “Você nunca mais vai deixar de ser Xandão”.

Logo depois, numa parte improvisada antes do discurso lido, o presidente voltou a se referir ao ministro do STF como “Xandão”.

Ao final da solenidade, Lula e os demais presentes desceram a rampa do Palácio do Planalto rumo à Praça dos Três Poderes, onde estavam populares. Lula cruzou entre eles acompanhado de ministros e outras autoridades. Juntos, abraçaram, no centro da praça, a palavra “Democracia”.